

CARVALHO, M^a Avelina de. **Tô Vivu. Histórias dos meninos de rua.** Goiânia, Centro Editorial e Gráfico/Universidade Federal de Goiás, 1989. 204 p.

O tema abordado pela autora revela novos aspectos que põem à tona, mais uma vez, o descaso em que se encontra a criança brasileira. Na última década, trabalhos de pesquisa se multiplicaram para revelar a grave situação em que se encontram milhões de jovens brasileiros, sem assistência educacional, sanitária, alimentar, familiar, habitacional, etc. A cada ano que passa, são reveladas estatísticas assustadoras sobre as crianças e adolescentes brasileiros que se encontram desassistidos e privados do acesso aos elementos básicos para a sua sobrevivência. Tão contundentes quanto os números, apresentados por órgãos internacionais como a UNICEF, são as histórias dos meninos de rua narradas por Maria Avelina em seu livro-denúncia "Tô vivu". A autora conviveu quase um ano com os meninos das ruas de Goiânia e registrou elementos importantes do dia-a-dia dessas crianças, procurando captar a linguagem dos meninos para elaborar sua dissertação de mestrado. Para atingir tal fim utilizou a técnica da observação participante pois esta seria a forma mais adequada para se integrar aos grupos de rua e aproximar-se de seu "mundo", garantindo, na medida do possível, uma percepção mais próxima da realidade. Porém, a pesquisadora foi surpreendida pelo total envolvimento com o seu objeto de estudo, processo esse registrado em seu diário de campo e posteriormente transformado em instrumento de denúncia das precárias condições em que vivem as crianças de rua. As suas anotações, quase que diárias, converteram-se em histórias de vida narradas de forma tão simples e tão pro-

funda. A escolha pela publicação dos dados colhidos foi uma decisão acertada uma vez que revelou detalhes importantes e, ao mesmo tempo, preocupantes da malha de inter-relações que envolve a luta pela sobrevivência das crianças e adolescentes que se encontram sem chão e sem teto.

O mérito desse livro não se restringe apenas à forma escolhida para “contar” as histórias dos meninos de rua mas deve-se, principalmente, ao seu conteúdo. No desenrolar do texto, os acontecimentos fluem como desgarrados de um apoio teórico, no entanto, de forma inteligente, são inseridas citações de autores — como parte da narrativa —, que orientam a metodologia utilizada e auxiliam no repensar da pesquisadora quanto às formas de conduta ante os impasses do cotidiano do trabalho de campo.

Além das questões pertinentes ao seu objeto de estudo, também faz parte da narrativa a discussão em torno da “neutralidade” exigida na utilização da observação participante. A autora, em vários momentos, expõe a dificuldade em não seguir rigorosamente as regras metodológicas escolhidas para o desenvolvimento de seu estudo, revelando-se, em consequência, um conflito constante entre a teoria e prática. Esse aspecto do trabalho de Avelina oferece um rico manancial que contribui — com base em uma experiência concreta — para o debate sobre a “intromissão” do pesquisador na privacidade das comunidades, grupos, famílias, etc. sob o argumento aparentemente neutro, de estar “a serviço da ciência”.

A ânsia de observar atentamente as angústias, emoções e momentos de solidão das crianças ou mesmo “sentir o frio da madrugada junto com os meninos”, para enriquecer o trabalho acadêmico, são situações que fazem parte do relato de Maria Avelina e de seu conflito entre o que deve ser e o que ela sente. Em todo o livro há uma constante preocupação em não perder de vista a objetividade científica, preocupação essa que corre paralelamente ao crescimento do nível de envolvimento com o grupo de meninos de rua.

Na verdade, o contato direto com as estratégias e artimanhas utilizadas por estas crianças emerge, no contexto do trabalho realizado, como elementos que questionam a natureza do “saber”. A íntima participação nas desventuras dos meninos de rua mostrou à autora quão limitado é o conhecimento da conduta humana e como o saber formal, contido nos livros, é insuficiente para definir *a priori* um determinado tipo de comportamento. Os grupos, de forma generaliza-

da, possuem seus códigos para o enfrentamento de circunstâncias diversas e, sobretudo, adversas. Esse “desconhecer”, mesmo convivendo quase diariamente com as crianças, dava à pesquisadora a sensação de fazer parte do grupo e ao mesmo tempo mostrava o quanto era diferente deles. A troca de “saberes” era freqüentemente colocada em prática, embora surpreendesse a autora a constatação dessa realidade, levando-a a reconhecer que os meninos de rua, enquanto grupo, desenvolveram uma cultura propícia e a ela restava cumprir e acatar certas recomendações que garantissem a sobrevivência de todos. O dia-a-dia com essas crianças revelou que o “acabado”, o “pronto”, o “modelo pré-estabelecido” de regras e técnicas inflexíveis nem sempre pode nortear tão rigidamente os trabalhos de pesquisa e, nesse sentido, o duro aprendizado de Maria Avelina nas ruas de Goiânia contribuiu para o repensar dessas questões.

Este livro é mais do que uma denúncia das relações de exploração dos adultos sobre as crianças (do abuso da “autoridade” constituída, não se sabe por quem, do “poder” da polícia sobre os meninos, da dominação dos grandes sobre os pequenos, da rede de negócios [venda de esmalte, cola, roubos, etc], da exploração sexual das crianças, principalmente das meninas) é, também, a angústia de uma pesquisadora diante de uma realidade contundente que ao desnudar sua impotência diante dos fatos, leva-a a concluir que “mais uma vez tenho mil motivos para não acreditar em mais nada, a não ser na morte ou na luta”.

O livro-denúncia de Maria Avelina, escrito numa linguagem direta, sem sofisticções lingüísticas, consegue, ao mesmo tempo, repassar a miserável vivência e trajetória dos meninos de rua, suscitar questões metodológicas da pesquisa científica e questionar o papel do pesquisador e seu compromisso com o social. Após um ano acompanhando e vivenciando as dores e desesperanças de Sérgio, Branquinho, Neca, Izaias, Liette, Rosinha... a autora reconhece que “já não tem mais volta” o seu envolvimento e sua luta pelas crianças de rua, embora esteja consciente de que muito ainda está por se fazer.

Recife, 18 de junho de 1990.

Cleide de Fátima Galiza de Oliveira
Pesquisadora do Dept^o de Sociologia
da Fundação Joaquim Nabuco